O fim da literatura feminina

 Luciana Pimenta[[1]](#footnote-0)

 A palavra **fim** é, por certo, uma palavra sem fim. Nela não se encerra o sentido de exaurimento, tampouco se comporta o *telos* dos gregos, onde se enraízam as noções de propósito e finalidade. Até porque palavras não são signos a serem preenchidos por significados previamente dados. Palavras se dizem disseminadas em textos, inclusive pr’além dos contextos, vez que um signo escrito sempre “comporta uma força de ruptura com o seu contexto, quer dizer, o conjunto das presenças que organizam o momento da sua inscrição”. (DERRIDA, 1972, p. 413) Todo contexto se abre, pois, em face d’outro contexto, feito rostos que se interpenetram diante de olhares que se atravessam.

 Tecidas essas linhas inaugurais sobre o fim, a face comunicante do fim, passemos àquilo que provoca nossa reflexão. O que **devemos** entender por literatura feminina? De antemão, talvez devêssemos não assumir qualquer dever, se considerado o sentido normativo da palavra **dever**. Talvez seja conveniente indagar: o que **podemos** entender por literatura feminina?, ainda que a pergunta, semeada assim, plante um canteiro de infinitudes. Mas não nos perturbemos com o infinito. Ele é a própria condição por vir do significado de todo texto. Andemos na folha, outrora branca. Letra a letra, palavra por palavra, o sentido vai se dando à forma.

A pergunta não é nova. Decorre daqueloutra que se fazia (e ainda se faz), em especial para provocar escritoras mulheres, como se a escrita feminina fosse algo menor: **existe uma literatura feminina**? Provocada por essa pergunta, em entrevista do SescTV, Marina Colasanti ajusta o tom da questão:

Para responder a essa pergunta nós precisamos tirá-la do contexto. Ou seja, ela não é referente só à literatura. Essa é uma pergunta referente às mulheres na sociedade, sendo que, uma vez que palavra é poder, na literatura ela se faz mais intensa. Mas ela é um questionamento social. Há um lugar de igualdade para a mulher na sociedade? (COLASANTI, 2016).

Tal pergunta, tal vez, a vez de tal pergunta, talvez exija a formulação de um operador teórico para conceituar (se isso for possível, assumindo-se assim uma hipótese) a literatura feminina. Um trabalho como o que Eduardo de Assis Duarte realiza em torno de questão semelhante que é a do conceito de literatura afro-brasileira, brindando o leitor com o cuidadoso ato de compor a cena viva do conceito (que ele afirma estar em construção) a partir de vários atores, assim pontuados: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público (DUARTE, 2017).

 A comparação aqui não é despropositada. A literatura feminina, do ponto de vista conceitual, está em um lugar que semelha com o da literatura africana, se compreendemos que tanto a mulher quanto o negro estiveram e estão, histórica e filosoficamente, no polo inferior da arquitetura conceitual que define a montagem hierárquica das instituições e espaços do mundo da vida, no ocidente. Isso se deve àquilo que Derrida denominou de “questão-da-animalidade”, que ele considera a questão das questões, aquela que representa o “limite sobre o qual se apagam e determinam todas as outras grandes questões e todos os conceitos destinados a cingir o “próprio do homem” (DERRIDA, 2004, p. 81), na medida em que se compreende como a linha que separa, de um lado, **O homem** e, doutro, **O animal**, sendo certo que mulheres, escravos, loucos, estrangeiros, homossexuais, judeus, dentre outros inferiorizados, são os históricos habitantes desse outro lado da binariedade.[[2]](#footnote-1)

 A pensar que todos os humanos animalizados ao longo da história estejam envolvidos na tarefa da desconstrução, qual seja, a de dissolver essa linha, vale dizer, desmontar todas as estruturas binárias consagradas pelo pensamento logocêntrico que fundou o ocidente, esse que caracteriza a construção de um humanismo perversamente excludente; a compreender que essa seja uma luta histórica que envolve não apenas mulheres e negros mas também todos os marginalizados (a partir da polaridade dentro x fora) e inferiorizados (a partir da binariedade superior x inferior); a desejar que essa luta quiçá um dia tenha fim, teremos assinado, em conjunto, no chão histórico onde o sangue não raro se derrama, o atesto de óbito da literatura feminina, ao menos no que tange à opressão e violência que contaminam a temática da escrita, o lugar de fala, a assinatura dos textos e o horizonte histórico de sentido, dentre outros, como marcas compositivas de uma escrita feminina. O fim da literatura feminina seja, assim, o fim de toda literatura (de) marcada, como são marcados os bois a ferro quente e o foram (e ainda são) eles, os escravos, e elas, as mulheres, marcadas a ferro em seus ventres estuprados e com foice em suas línguas amputadas, prenhes das palavras que nascem dos corpos que hoje escrevem a ainda viva e necessária literatura feminina.

REFERÊNCIAS

COLASANTI, Marina. Marina Colasanti | Episódio completo: Mulheres, essas bárbaras que ameaçam o império. SescTV. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=PQ-fvTo2m1M&t=1012s. Publicado em 12 de abril de 2016. <<Acesso em 29 de abril de 2018>>.

DERRIDA, Jacques*, Margens da Filosofia,* tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: RÉS-Editora, Lda., 1972.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth, *De que amanhã: diálogo,* tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DALCASTAGNÈ, Regina e EBLE, Laeticia Jensen (Org). *Literatura e exclusão.* Porto Alegre, RS: Zouk. 2017, p. 195 a 216.

FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta. Pensando O Direito a partir do cinema e da estratégia da desconstrução: In: LIMA, Taisa Maria Macena et al. (Org) *Direito e Arte: os desafios da pessoalidade*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2016, p. 1 a 12.

1. Luciana Pimenta é poeta, autora de três livros publicados *Aprendizagem no Espelho* (2000), *Heranças* (2017) e *Morada* (2018); Doutora em Direito (PUC Minas); Mestre em Filosofia Social e Política (UFMG); Professora de Filosofia do Direito e Hermenêutica e Argumentação Jurídica do curso de Direito da PUC Minas; Líder do Grupo de Pesquisa *Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da Literatura* (PUC Minas) e membro do Grupo de Pesquisa Mulheres em Letras (UFMG). [↑](#footnote-ref-0)
2. Esse enfrentamento há de nos colocar face a face com questões como racismo, sexismo e antissemitismo e outros tantos “ismos”, já que todas estas figuras partem da inferiorização e estigmatização daqueles que, ao longo e na história, já se quis (e ainda se quer) excluir do humano, cujas características físicas e psíquicas foram (e são) remetidas ao mundo da animalidade. (FERREIRA, 2016, p.11). [↑](#footnote-ref-1)